

II

O gênero na clínica, na cultura e nos laços sociais





O adolescente, o gênero e a psicanálise¹⁵⁷

Há 20 anos, uma paciente lésbica afirmava, no curso da sua análise, que “se dizer lésbica” ia além da sua vida amorosa, pois essa declaração engajaria escolhas intelectuais e “a aposta em um novo laço social”¹⁵⁸. Isso não era a revelação de uma essência (de um “ser lésbico”), mas uma maneira de se inscrever na coletividade das mulheres. Era, portanto, um dizer que valia para ela como um ato com consequências.

Hoje em dia, as letras LGBTQIA+ se declinam propondo uma *positivação* afirmada de uma escolha do gênero que diria a verdade daquele que fala, verdade ao mesmo tempo íntima (seu ser) e verdade social, identitária e cidadã (seus direitos, suas escolhas políticas). Apoiada pela mundialização das redes sociais, essas letras têm uma função de nominação que promete a ideia de uma identidade

157 Quando os textos dos autores citados já foram publicados em português, as notas referenciais recorrem a essas fontes. (N. do T.)

158 LERUDE, Martine. *Le cas de la jeune homosseuelle, vu par Freud, Lacan et quelques autres*. Paris: Éditions de l'Association Freudienne Internationale, 2002.

partilhada qualquer que seja o dizer singular, qualquer que seja a língua. Ao se posicionar, cada um lerá essas letras a seu modo e as transformará, seja em signos que virão a fixá-lo, seja em significantes que terão o poder de representá-lo.

Com efeito, a partir dessa matriz mínima, LGBTQIA+, assistimos à criação de nomações múltiplas que vêm dizer, ao mesmo tempo, a singularidade e a apropriação política da questão do gênero¹⁵⁹ a tal ponto que a subjetividade parece deslocada no campo coletivo, na cultura. A lista descritiva do gênero não cessa de se alongar, produzindo um vocabulário específico a partir do inglês “*globish*”: verdadeira “novilíngua” da qual se apoderam os adolescentes. Constatamos que o jargão militante das associações LGBTQIA+ invadiu a linguagem corrente e que uma nova *doxa* se impõe, como se se tratasse de uma verdade eterna, o que nossos pacientes testemunham. Ousar questioná-lo classifica quem o faz, imediatamente, do lado dos “homofóbicos”, dos “transfóbicos” e dos reacionários.

Segundo Claude Habib¹⁶⁰, a ideia que se tornou dominante no mundo ocidental é que “a definição do gênero diz respeito à liberdade individual”. Se, desde tempos imemoriais, o sexo era constatado no nascimento, esta constatação não está mais em circulação, fala-se doravante em “*gênero atribuído no nascimento*”, formulação que quer dar conta do poder social que constringiria o indivíduo recém-nascido a ser enquadrado, desprezando sua “indeterminação essencial” (fórmula que anula a parte de determinação anátomo-biológica). E aquilo que ontem dizia respeito à constatação objetiva do sexo (É um menino! É uma menina!) é hoje denunciado como uma ofensa ao direito do indivíduo. Pois o gênero, doravante fundado sobre as sensações internas, diz respeito à liberdade individual, quer dizer, à escolha do indivíduo¹⁶¹. É um direito que

159 Em fevereiro de 2014, o Facebook ofereceu a possibilidade de escolher entre 52 opções de identidade de gênero, e a lista não está fechada. (N. da A.)

160 HABIB, Claude. *La question trans*. Paris: Gallimard, 2021. p. 34 (Collection Le Débat).

161 Como os pais da minha geração podiam se recusar a transmitir uma educação religiosa aos seus filhos, dizendo “Ele escolherá mais tarde o que ele quer ser (ou seja, sua religião)”, hoje, há pais que se recusam a impor um gênero ao seu filho, dizendo “*iel* (ou *yel*, pronome neutro inventado em francês,

repousa sobre a palavra do indivíduo, sobre o seu dizer, e não é mais necessário passar forçosamente pela longa transformação corporal¹⁶², uma simples declaração é suficiente. A autodeterminação é proposta como um direito.

Enquanto a palavra “transexual” designava uma pessoa que levava a cabo sua transformação corporal de um sexo ao outro sexo, e que ia até o ápice da sua metamorfose em outro sexo (segundo as possibilidades hormonais e cirúrgicas), a palavra “transgênero” não reenvia mais necessariamente a uma transformação do corpo. O termo “transgênero” abre um espaço fluido onde se dissolve a “disforia de gênero”, que descreve a desolação de uma pessoa transgênero “em face do sentimento de inadequação entre o seu gênero atribuído e sua identidade de gênero”. Se a “disforia de gênero” é um “transtorno” que figura no manual americano de psiquiatria (*DSM-5*), “transgênero”, em contrapartida, torna-se um termo variável, banalizado, e aqueles que se declaram assim não devem ser medicalizados. Daí a explosão de dados estatísticos. A palavra “transgênero” abriu espaço para um “terceiro gênero” que, reconhecendo a disforia de gênero, se situa fora do domínio da sua patologia (em conformidade com as diretrizes da OMS).

Dessa forma, o gênero diria respeito a um enunciado que engaja aquele que o profere: é uma palavra de autofundação, que repousa sobre o poder transformativo da linguagem¹⁶³. Por exemplo, se eu me declaro “trans FTM gênero fluido”, eu me defino como “trans Fêmea para Macho [*Female to Male*]”, mas eu deixo aberta a possibilidade de navegar entre esses dois polos, mesmo se o polo masculino é o meu objetivo. Ao escolher minha composição de gênero (como compomos um *menu*), eu me nomeio a mim mesma e, ao me conferir um novo prenome, Gaspar, por exemplo, eu demando aos outros

contração de *il* [ele] e *elle* [ela]) escolherá mais tarde (seu gênero)”. (N. da A.)

162 Para obter a mudança de estado civil, na França e na Grã-Bretanha, as pessoas não são mais obrigadas a ter cumprido uma transformação física. (N. da A.) Da mesma forma, no Brasil. (N. do T.)

163 Judith Butler, apoiando-se em Austin, faz do performativo o conceito que permite validar a hipótese de uma fabricação social dos gêneros. (N. da A.)

reconhecê-lo, fazer uso dele, e à escola de inscrevê-lo nos registros oficiais. A transformação do corpo não é mais requerida, é *um dizer* que me determina e que anuncia quem eu sou. Isso, no plano analítico, não carece de exatidão, uma vez que *um dizer*, no sentido de Lacan, tem o valor de um ato, o de transformar o sujeito, de produzir nele uma mutação. Mas nem toda palavra é *um dizer*, *um dizer* é da ordem do acontecimento e implica o surgimento do inconsciente.

Os adolescentes são os primeiros a serem afetados por essas mudanças: as redes sociais colocam à disposição numerosos vídeos explicativos, e as trocas nos fóruns veiculam esse pensamento dominante que se exprime em quatro palavras: “Eu tenho a escolha!”. O Ministério Nacional da Educação da França publicou diretrizes¹⁶⁴ a respeito das demandas de mudança de gênero e de nome. Elas devem ser recebidas, tratadas com benevolência, acompanhadas pelos professores e pela administração escolar. O novo prenome escolhido pelo aluno deve substituir o prenome de origem com o consentimento dos pais e todo o corpo administrativo deve empregá-lo. A escola deve responder à demanda do adolescente e registrá-la sem outro processo; ela deve lutar contra a perseguição e a transfobia e resolver os problemas práticos dos banheiros e dos vestiários. Nas entrelinhas dessa aceitação generalizada, há o temor das tentativas de suicídio, pelas quais a escola não gostaria de ser apontada como responsável. Essa nota é importante, pois a outra face da demanda de reconhecer o gênero é sempre o risco da passagem ao ato mortal, quer seja fantasiado pelo quadro da instituição ou anunciado pelas situações de perigo equivalentes (escarificações, excessos alcoólicos, comportamentos extremos). A demanda *trans* exerce seu efeito de dominação e comando, tanto sobre a família quanto no campo social.

Se a bissexualidade sempre foi reconhecida pelos psicanalistas, o gênero, ao contrário, vem mascarar os embaraços, os evitamentos, as inibições da vida sexual para tratar o corpo de outra forma.

164 Circular da *Education Nationale* em 29/9/2021: “A respeito das violências homofóbicas e transfóbicas, trata-se de promover uma educação inclusiva e reduzir os preconceitos”. A escola deve garantir as condições de uma transição reivindicada. (N. da A.)

A questão do corpo ocupa, por conseguinte, a cena adolescente: corpo passado pela peneira das imagens múltiplas de si, quer sejam transformadas pelos filtros ou por montagens repugnantes, corpos submetidos às retificações estéticas, à musculação ou às dietas: o corpo nunca é o bom? A identidade *trans* oferece uma resposta *prêt-à-porter* às incertezas e à angústia da adolescência? Oferece um tratamento do corpo que permitiria escapar às injunções de conformidade às normas estéticas dominantes? Questões tais que os adolescentes vêm trazer para a consulta.

A epidemia transgênero: o que nos ensinam nossos pacientes adolescentes? Isabelle e o poder do coletivo

Isabelle, 13 anos, faz parte de um grupo de meninas que se distinguem e se reivindicam *queer*. Elas são as estrelas do colégio. Isabelle é a primeira a se dizer “trans” e a demandar a sua família, ao colégio e a todo o seu entorno a mudança de prenome. Ela se afirma “transgênero” e comunica o seu sofrimento, fala de suicídio. Diante dessa questão de vida ou morte, nenhum adulto se autoriza a questionar sua determinação. Sua mãe, que é minha paciente, se submete e treina para chamá-la de “Sasha”¹⁶⁵ (prenome que Isabelle escolheu) e para utilizar os pronomes e a conjugação no masculino, o que não é algo simples na língua francesa. Isabelle demanda à direção da escola inscrever essa mudança, os pais consentem, e Isabelle se torna Sasha no colégio, em casa, na família. Essa mudança se opera sem questionamento: é sua liberdade e é também o temor dos adultos. Seus amigos, sua família, seus professores vão doravante chamá-la de Sasha e se dirigir a ela no masculino. Seu pai resiste silenciosamente, seu irmão mais novo resiste com humor e lhe diz: “Sasha é ambíguo, se você é um menino, vou lhe chamar de Jules, é melhor!”

Sua mãe, que consente na mudança de prenome e de gênero, a leva, entretanto, para uma consulta com uma psicanalista. Isabelle/

165 Prenome epiceno que convém tanto às meninas quanto aos meninos. (N. da A.)

Sasha recusa as entrevistas previstas, exigindo uma “psy LGBTQIA+”. Uma amiga de sua mãe, lésbica militante, a leva para encontrar os membros de uma associação onde ela compra um sutiã que comprime os seios. As modificações do corpo param por aí.

Dessa forma, Isabelle/Sasha está numa posição eminente no colégio, apoiada pelos adultos, admirada pelas suas colegas, ela deve se acomodar a essa nova identidade positiva: “*trans male*”.

A *posteriori*, seguindo o relato de sua mãe (minha paciente), faria a hipótese de que ela se encontrava pressionada, na cena social-escolar-familiar, a dever representar uma personagem fictícia, incitada, de qualquer forma, pelo seu entorno tão benevolente que esperava que ela chegasse ao termo. Com efeito, um mês após o anúncio de sua nova identidade, Sasha vai encenar a questão da perda e da falta, implicando novamente todo o seu entorno. Seu melhor amigo, com o qual ela falava toda noite ao telefone durante muito tempo, desaparece subitamente e não responde mais às suas chamadas. À custa de buscas, ela fica sabendo pela irmã desse menino que ele se suicidou. Sua dor é imensa, ela chora fechada no quarto, e ninguém coloca em dúvida a realidade desse óbito. O colégio é avisado, ela é dispensada de ir às aulas. Seu pai toma uma semana de licença para levá-la ao campo e passar um tempo com ela, a fim de prevenir uma passagem ao ato suicida, que é a fantasia de todo o seu entorno. Seu sofrimento, a morte de um ser jovem, mobiliza toda a comunidade escolar (aí também ela se distingue dos outros); a diretora do colégio lhe envia um *e-mail* de pêsames, e Sasha obtém uma semana de ausência escolar: ela sai, dessa forma, da cena em que ela era decididamente “*trans male*”. Sua mãe descobrirá que o amigo era virtual, que ela jamais o havia encontrado pessoalmente, que era uma criação de rede social ou de *site* de encontros, o que não impede que a perda experimentada por Sasha tenha sido bem real (perda real de um objeto imaginário é a definição que Lacan dá da frustração, o agente é simbólico). Esse luto virtual (do qual a perda é bem real) é validado, reconhecido pelos pequenos outros. O que vai lhe permitir sair do impasse identificador transgênero. Sasha é de qualquer forma “ex-filtrada” da cena social, dando a si mesma outro enquadramento, uma causa para sua

tristeza. Sua mãe teria entendido, enfim, o sofrimento, o desassossego de sua filha? A adolescência é também, subjetivamente, um luto.

No *Seminário A Angústia*¹⁶⁶, Lacan distingue dois registros do mundo: “[...] de um lado, o mundo, o lugar onde o real se comprime e, do outro lado, a cena do Outro, onde o homem como sujeito tem de se constituir, tem de assumir um lugar como portador da fala, mas só pode portá-la numa estrutura que, por mais verídica que se afirme, é uma estrutura de ficção”. Ao real que surge na cena (real da angústia, do corpo, do sexual), Isabelle/Sasha se determina no campo do Outro, tomando de empréstimo os significantes que passam, e é pela ficção de um luto que ela pode falar da perda que ela experimenta e colocar a questão “eles podem me perder?” na cena familiar.

Eu gostaria de assinalar, assim, a maneira como os outros podem impelir a uma *positivação* identificatória *Trans*, que parece resolver, antecipando-a, a problemática sexual e a questão das identificações. A partir daí, o sujeito não pode mais recuar e se encontra num impasse sobre isso que não teria sido mais do que a fantasia de um momento.

Isabelle nos mostra como, apoderando-se de significantes do discurso corrente, ela tenta dar uma estrutura ao mal-estar que ainda não tomou a consistência de sintoma.

Elena: “Eu sou gênero fluido”

Elena tem 16 anos. Ela vem se consultar porque o confinamento foi muito difícil: foi, diz ela, um choque. O choque do confinamento, o choque da raiva. Essas são as fórmulas. Ela fala da sua violência que se volta contra si mesma, a ponto de se ferir e de tentar perfurar uma veia; sua irmã, um ano mais nova, interveio, felizmente. Sua mãe diz que ela “é um fogo de artifício”.

Elena diz: “Eu era a marionete da minha raiva”, “Eu tinha um grande vazio em mim. Eu havia perdido algo que eu não tinha”. Ela se corrige: “que eu tinha” e, com esse lapso, nós vamos poder começar a trabalhar. Ela prossegue: “Eu estava lá sem estar lá, eu

166 LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 10: a angústia* [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 130.

tinha medo de estar louca, eu coloquei minha vida em perigo”. Ela descreve, assim, desde a primeira sessão, esse desassossego, a perda impossível de nomear, a angústia, o corpo do qual é preciso se apropriar e o qual é preciso tornar vivo.

Na segunda sessão, ela me anuncia que agora sabe que é *gender fluid* e que isso é muito melhor. A meu pedido, ela explica que sabe muito bem que seu sexo é feminino, mas que, em compensação, seu gênero é variável; em certas manhãs, ela é *menino* e, em outras, é *menina*. Nas manhãs em que ela se sente menino, ela não perde tempo, toma decisões, é mais disponível, mais direta, mais rápida. Contrariamente ao modo *menina*, que repele as saídas dizendo “não, eu tenho outra coisa agendada, deveres para fazer”. Há um aspecto “vamos lá” sem esperar que a situe, nessas manhãs do “lado menino”. Ela considera sua resposta “muito clichê”, mas não sabe responder de outra forma. Nos dias *menina*, ela pode ser incomodada pelas regras, o sangue que corre, as dores abdominais, mas ela pode também adorar os saltos altos, a maquiagem, todos os acessórios da feminilidade, aí também “é clichê”, observa.

Associando o significativo *gender fluid*, Elena vai abordar sua mestiçagem e a cor de sua pele. Com efeito, Elena é mestiça, seu prenome se escreve na forma espanhola (sem H), sua pele não é negra, mas bronzeada, não é branca, mas colorida e, desde o jardim de infância, ela costuma ser confundida com uma argelina muçulmana. Aliás, ontem mesmo, na cantina lhe ofereceram bebidas compatíveis com o Ramadã.

Ela tem duas nacionalidades, dois sobrenomes (um francês e um peruano), tem dois passaportes, e fala duas línguas. Porém nada disso é fluido! Com efeito, passar por uma argelina na França é passar por representante de uma história que não é a sua e de uma religião que tampouco é a sua. Sua mestiçagem lhe impõe, na sociedade francesa, uma falsa identidade; falsa identidade que ela corrige e anula se dizendo *trans gender fluid*. Esse significativo *trans gender fluid* vem representá-la ante os outros, seus colegas de classe, que não veem senão a cor da sua pele e seus cabelos cor de ébano. Ela se apodera de um significativo difundido pelo discurso corrente para fazer dele uma

tentativa de identificação que valide sua relação singular com o entre dois, entre dois países, entre duas línguas, entre duas cores de pele. O significante *trans gender fluid* transcende e confirma, de qualquer maneira, o dois constitutivo de sua identidade civil e da sua subjetividade inaugural e permite uma leitura atual, moderna, do seu lugar no mundo. *Trans gender fluid* desloca a “argelina” que lhe atribuem pela autoridade do primeiro olhar, desloca a cor da sua pele para lhe conferir um lugar de exceção mais nobre e mais moderno. Esse significante lhe permite colocar a questão da identificação e realizar o “entre dois” que constitui seu espaço simbólico. Nada é congelado, e é o movimento próprio à subjetivação adolescente que ela engaja com essa nova nominação, que será muito provavelmente efêmera.

Paul: “minha disforia de gênero”

Paul tem 18 anos e se apresenta como um jovem tímido, de olhar esquivo, ensimesmado. Ele tem barba, bigodes. Não é nem homossexual nem feminizado no seu vestuário e nas suas atitudes. “Eu venho – diz ele – pela minha disforia de gênero”. É assim que ele nomeia o que acontece com ele. De início, ele acreditava “que era outra coisa quando se travestia com as roupas de sua mãe, que se sentia atraído por ela”; depois encontrou essa palavra e agora está convencido de que é bem isso. Ele diz que está em transição: “A transição é um meio de ir em direção a um lugar onde a autoridade não é mais aquela do pai”¹⁶⁷, ele me explica. Porque seu pai tem uma autoridade violenta, humilhante, *ele e sua mãe* se separaram deste e não o veem mais. Seu pai o chamava de PD¹⁶⁸, de molenção, porque ele queria jogar Badmington, forçava-o a comer, lhe batia. Há um ano, ele vive só com sua mãe, que o trata como uma criança que não pode fazer nada sozinho. Aliás, ele se compara

167 Melman define um lugar como “lugar de recepção ou hospedagem do significante UM como traço unário”. (MELMAN, Charles. *Lacan élève effronté et impitoyable de Freud* : Séminaire 1997-1998. Paris: Érès, 2018. p. 201). A definição de Paul da transição como mudança de lugar é admirável pela sua justeza: trata-se de mudar de autoridade, de significante Mestre. (N. da A.)

168 PD, em francês, soa como *pédé* (pederasta). (N. do T.)

com o cachorro Toby, que, apesar de ser adulto, parece um filhote. Sempre teve dificuldade de falar, foi objeto de perseguição desde o primário, mas foi também perseguidor. Ele precisa que não é homossexual, mas que é uma menina, “não apenas uma menina em sua cabeça, do que ele se ressent, porém uma mulher no mais profundo do seu corpo, ele é mulher”¹⁶⁹ por essência”. “Eu sou, diz ele, uma *menina cis gênero* apesar de um sexo e educação de menino”. É nesse ponto que o elemento delirante surge: *cis gênero* significa que o gênero sentido corresponde “ao gênero atribuído no nascimento”, ou seja, ao sexo constatado. É porque ele é uma menina *cis gênero* que ele não tem necessidade de transformar seu corpo nem de mudar seu prenome. Ele adora seu prenome Artémise, a deusa dos bosques, que é, diz ele, seu duplo. É uma deusa benévola que o acompanha no horror do mundo, mas que não lhe permite encontrar os semelhantes. Paul associa numerosas observações sutis decorrentes de sua convicção delirante. Jamais demandou mudar de sexo ou de prenome, em contrapartida, ele gostaria de não portar mais o sobrenome do seu pai.

“Minha disforia de gênero, diz ele, me impede de formar um casal, pois eu sou uma menina e amar uma menina traria um problema”, uma vez que Paul é uma menina por essência e por gênero. “Eu sou uma menina *cis gênero*” é uma convicção delirante na qual reencontramos o “empuxo à mulher” da psicose, tal como foi elaborado por Lacan a partir do caso do Presidente Schreber.

“Minha disforia de gênero” é um significante que Paul encontrou no discurso corrente e na internet, um significante com o qual ele constrói uma metáfora delirante que pode partilhar (por um tempo, pelo menos) com alguns. Desde então, Paul não é mais excluído completamente do mundo; ele sabe, graças à internet, que há outros como ele.

“Minha disforia de gênero” dá a medida do sofrimento de Paul, que não podia dizer nada antes: ele nomeia, assim, o inominável e tenta dar um sentido ao seu sofrimento.

169 Ele alterna as palavras menina [*fille*] e mulher [*femme*]. (N. da A.)

Como observa Charles Melman: “A lógica do significante é admitir tudo que é nomeação... Tudo que vem e, evidentemente, receber o significante que se torna representativo de todos os efeitos de significante e que é um Nome do Pai, por exemplo”¹⁷⁰. A função da metáfora delirante é fornecer ao sujeito um substituto da metáfora paterna impossível. “Minha disforia de gênero” é, talvez, o significante com o qual Paul tenta encontrar um Nome do Pai que possa organizar sua subjetividade e que não seja persecutório.

Os três casos evocados dão conta da pluralidade clínica que se coloca sob as letras LGBTQIA+ e sob o significante *trans*: eles lembram que a adolescência é um tempo de transição, que a histeria é uma modalidade de expressão sua e que a psicose pode vir a se congelar aí. O significante *trans* tem provavelmente um poder regulador das pulsões ao propor uma retomada narcísica fundada sobre o ideal de liberdade e de igualdade. É uma nova moral social que emerge: uma moral que se recusa a categorizar comportamentos, que se pretende aberta a todas as possibilidades. Para Paul, a disforia de gênero é uma tentativa de normalização. Para Isabelle e Elisa, o falo e também o sexo restam recobertos por um véu de letras, véu móvel cuja leitura será diferente segundo as dobras, segundo os encontros.

Algumas observações a partir do filme *Girl*

*Girl*¹⁷¹ é um filme de Lukas Dhonte, diretor belga, premiado em Cannes em 2018. Esse filme relata a mudança de sexo, a prova do corpo para se tornar Outro. O herói é um adolescente *Trans menina binário* (dito de outra forma; seu gênero designado no nascimento é masculino, o gênero visado é feminino, ele reconhece a binaridade Homens/Mulheres).

Esse filme não é um caso clínico nem um filme militante. É uma fábula que nos mostra o ar dos tempos. A história se passa na Bélgica,

170 MELMAN, Charles. *Lacan élève effronté et impitoyable de Freud*, op. cit., p. 39.

171 Cf. LERUDE, Martine. *Girl. D'autres Scènes*, 14 nov. 2018. Disponível em: <https://www.freud-lacan.com/getpagedocument/27465>. Acesso em: 20 maio 2022.

em duas línguas: francês e holandês. O inglês é a língua terceira, a dos professores da escola de dança na qual o herói trans Viktor/Lara foi admitido, a do significante *Girl*, que o designa e que é também o título do filme.

É o relato da transformação de um menino adolescente em menina e da sua formação de dançarina clássica: o corpo é submetido a provas rudes, a transição médica à espera da cirurgia e a disciplina da dança clássica são filmadas com precisão, assim como a relação com os outros, os olhares das outras dançarinas. Todo o sofrimento de Viktor/Lara parece ligado à espera do novo corpo feminino, à duração do protocolo médico. Enquanto o consenso é geral, médico, social, familiar, que todos os que intervêm, pai, psicólogo inclusive, parecem validar a transformação, sem a menor objeção, quanto a Lara, ela vai piorando.

A objeção, contudo, está lá, é o corpo vivo e enfraquecido de Lara que a realiza: perdas de consciência, emagrecimento, retiro silencioso, a incitam a parar a dança depois de sessões de treinamento muito cruéis. Seus pés ensanguentados nas pontas parecem anunciar a castração real que ela demanda.

Nesse filme, a metamorfose Viktor/Lara é tratada como uma evidência, como algo evidente, mas que transcorre muito lentamente; e é essa lentidão do processo que é denunciada como a causa do sofrimento de Lara.

O filme termina numa passagem ao ato, numa amputação na matéria viva, numa castração real que ela se inflige a si mesma; essa retificação anatômica coloca a questão da coação social; como se os outros, tão compreensivos e apoiadores, a tivessem constrangido a essa positivação identificatória, a encarnar o significante *GIRL*. *Girl* se torna, então, o equivalente a uma palavra de ordem totalitária.

A posição sexuada de Lara se funda, de início, sobre o seu dizer e sua determinação, mas este dizer deve ter consequências na sua carne; o corpo vivo, que sofre, mortal, é seu objeto e é submetido ao imperativo do significante *Girl*, significante mestre totalitário para ela mesma e para os outros que o validam. Porém, por mais totalitário

que ele seja, *Girl* é também um significante que divide o sujeito, e seus sintomas são consequência dele.

O sofrimento de Lara não seria o de todo adolescente confrontado com as questões da sua identidade: “Quem sou eu?”, “O que eu valho?”, “Para quem eu conto?”.

Ao articular o processo médico de mudança de sexo ao trabalho da dança, o filme retoma a questão: O que é um corpo? Um corpo de menina? Um corpo de dançarina? É um objeto a ser modelado, dominado como uma escultura? Um objeto criado apenas pela vontade do sujeito? Um corpo masoquista? À sua revelia, creio, o filme coloca o enigma do corpo, o enigma que diz respeito a isso que o faz se sustentar como desejante, vivente. Ele nos mostra que o corpo não diz respeito apenas à vontade, por mais forte que esta seja, da medicina, da nomeação que nós nos conferimos e que os outros homologam, mas diz respeito ao fato de ser habitado por outra coisa: por *alíngua* e pela libido. Se essa libido, “energia do desejo”, como Lacan a nomeava, retorna exclusivamente sobre o corpo próprio, tomado como objeto do desejo do sujeito, é a via masoquista da depressão. A depressão é também um momento lógico da adolescência, por mais efêmera que seja, é esse momento depressivo de perda que engajará ou não a possibilidade de encontros, de “acontecimentos do corpo” (formulação de Colette Soler)¹⁷².

Em “Posição do inconsciente”¹⁷³, Lacan coloca que a sexualidade na sua relação com o inconsciente se reparte em dois lados: do lado do vivente e do lado do Outro. O lado do vivente é aquele do corpo a corpo do ato e do gozo que ele implica. O lado do Outro é aquele do Édipo e das identificações, isto é, dos semblantes de homem e mulher, do Falo e do pai, dos significantes mestres e dos significantes do ideal.

172 Soler emprega essa expressão em mais de um local, inclusive em: SOLER, Colette. *O em-corpo do sujeito*: Seminário 2001-2002. Salvador: Ágalma, 2019; na primeira aula do seminário. (N. do T.)

173 LACAN, Jacques. Posição do inconsciente [1960]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 843-864. p. 863-864.

Entre o corpo do lado vivente, ou seja, aquele que o adolescente pode colocar em jogo nos comportamentos potencialmente mortais (sexualidade não protegida, excesso de álcool até o estado de coma, escarificações, absorção de tóxicos, esportes extremos) e o corpo apoiado, referido a uma norma do Outro, há uma desconexão que hoje parece se impor. O que Lacan chama “o corpo vivente” não seria também essa parte carnal do gozo inaudito (que ele chama de *substância gozante* no *Seminário 20, Encore*¹⁷⁴) em desarmonia com o Outro? Em desarmonia com a vertente linguageira da pulsão, esse “corpo vivente” não seria mais orientado falicamente, articulado pelos três registros RSI, mas tomado, arrebatado pela perda mortal mais direta. Não seria nem mesmo a pulsão com sua face linguageira e sua agudeza mortal, mas o gozo impossível de dizer, real do corpo, que conduziria a dança até a desapareição do sujeito?

O sujeito tem uma escolha?

Para Freud, se o determinismo Homem ou Mulher dependia da anatomia (“a anatomia é o destino”), as identificações, por sua vez, se situariam em outro nível, aí posicionadas pela configuração edipiana e segundo a escolha de objeto. Para Freud, é a anatomia (dado irredutível) que possui o poder das configurações particulares mais tardias¹⁷⁵.

Lacan, com o termo sexuação, indica que um processo subjetivo está em jogo: nós nos situamos do lado homem ou mulher segundo o modo de gozo, “todo” ou “não-todo” fálico, e isso independentemente do sexo anatômico. Por facilidade de uso, o deslizamento é habitual e dizemos, referindo-nos ao quadro da sexuação, “lado homem” ou “lado mulher” com o sentido comum de Homem e Mulher, enquanto o gozo não diz respeito ao corpo anatômico da

174 LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda* [1972-1973]. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 29.

175 FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos [1925]. In: _____. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. v. 7, p. 259-276.

forma (ou do imaginário), mas a um Real que escapa ao discurso ordenado pelo Simbólico e pelo Imaginário. O gozo, é a sua definição, excede o Princípio do Prazer, perturba a boa ordem das coisas e do discurso. O postulado de Lacan é que ele diz respeito a um Real heterogêneo às outras instâncias, Simbólico e Imaginário, aquelas que permitem justamente dosar os prazeres, ficar aquém da ultrapassagem do Princípio do Prazer.

No *Seminário Les non-dupes errent*, Lacan observava, no condicional, que: “Vou dar-lhes o que se implica nisso, que poderia se dizer assim: o ser sexuado não se autoriza senão por si mesmo. É nesse sentido que ele tem a escolha [...]”¹⁷⁶. Ele não falava da escolha da anatomia, nem do gênero, mas da escolha de gozo. Como entendê-lo? Nós escolhemos nosso gozo? Deve-se entendê-lo no sentido subjetivo: a escolha vem então do gozo. Ou se trata de gozos objetais (são os objetos que têm a escolha)? Ou, ainda, disso que Jean-Pierre Lebrun chama “Gozo ante fálico”, designando assim os gozos que não diriam respeito à dialética Gozo fálico/Gozo Outro, gozos não referentes ao falo. Freud falava da escolha da neurose a propósito das psiconeuroses de defesa.

A afirmação de Lacan em *Les non-dupes errent* soa como uma provocação. Certamente, Lacan não falava da identidade de gênero! Mas ele desenvolvia e forçava até o limite sua tese, segundo a qual o corpo é desnaturado pela linguagem, como se a sexuação não devesse mais nada ao corpo biológico-anatômico e não fosse senão uma questão de modalidades de gozo e de dizer. Proposição extrema que Lacan introduziu, aliás, no condicional, curtindo com suas formulações passadas acerca do analista¹⁷⁷, mostrando bem, *a contrario*, por essa forma de chiste e de acosso teórico, como é difícil se desembaraçar da anatomia, pois a anatomia não concerne apenas à imagem do corpo, mas ao organismo vivente na sua inteireza.

176 LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 21: os não-tolos vagueiam* [1973-1974]: aula de 09/04/1974. Salvador: Espaço Moebius, 2016. p.182-183. Publicação não comercial para circulação interna.

177 “O analista não se autoriza senão por si mesmo” (LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro: sobre o psicanalista da Escola [1967]. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 248-264) (N. da A.)

Os pacientes adultos que eu recebo não pensam que têm escolha, mesmo se muitos deles (para não dizer todos os pacientes em análise) se interroguem sobre a sua identidade sexuada, quer eles se apossem ou não das teorias do gênero que invadiram o discurso ambiente; uma mulher se vê como o filho que seu pai teria almejado ter e se dedica a essa tarefa; outras mulheres fazem melhor que os homens, heroínas sem temor nem piedade que animam a História, ou ainda a histórica que banca o homem e que o ultrapassa.

Não há um tratamento em que não surjam as questões clássicas; “Sou um homem ou uma mulher?” ou “Sou verdadeiramente um homem?”. Lembraria aqui um paciente cuja voz, que persistiu muito aguda, fazia com que ele fosse frequentemente chamado de “madame” ao telefone, a ponto de ele se proibir de falar a não ser forçando uma entonação grave. A questão da sua pertença sexual lhe vinha do exterior, dos outros, e não o deixava em paz; ou ainda um outro paciente, cujo interesse fetichista pelas regras das mulheres e pela lingerie engendrava uma dúvida sobre sua posição masculina. Esses pacientes, contudo, não pensavam que tinham a escolha, nem acreditavam num erro acerca do seu sexo, mas se interrogavam sobre sua posição sexuada. Quanto aos pacientes que demandam a retificação cirúrgica (como no filme *Girl*), estes são casos bastante raros, fora das consultas especializadas. Na minha clínica de adultos, de prisma limitado, mesmo se a vida sexual é complicada e difícil, a queixa concerne mais frequentemente às dificuldades de encontrar um outro do Outro sexo, de se confrontar com a alteridade do desejo.

Se o ser sexuado não se autoriza senão por si mesmo (em matéria de gozo), quem é esse si mesmo? O eu? O sujeito? O corpo? Ou isso que ele é como corpo substância gozante? O indivíduo não tem senão um corpo, é um truísmo; em contrapartida, o sujeito que o habita (esse corpo) é dividido pelo significante que o representa para um outro significante. Entre o corpo substância gozante e o sujeito, há também um fosso, pois “Um sujeito, como tal, não tem grande coisa a fazer com o gozo”¹⁷⁸, mas o indivíduo corporal que o suporta, sim, diz Lacan

178 LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, op. cit., p. 56.

no *Seminário 20*. Dito de outra forma, há um fosso entre o sujeito do significante, aquele que fala no divã, e o corpo, substância gozante.

No *Seminário 10*, *A Angústia*, Lacan distingue o corpo do homem que fala, engajado “na cadeia significante, com todas as suas consequências” e o resto irreduzível, que sobrevive à prova da divisão subjetiva. É que há sempre no corpo, pelo próprio fato desse engajamento da dialética significante, algo de separado, algo de petrificado, a partir de então inerte, “[...] a função de resto, essa função irreduzível que sobrevive a toda prova do encontro com o significante [...]”¹⁷⁹.

Essa função de resto é também isso que ele nomeia objeto *a*.

Se autorizar implica um dizer que faz ato: é o dizer do sujeito que prima sobre o imaginário do corpo, sobre o simbólico da primeira nomeação, pois se dizer Homem ou Mulher ou Bi ou Não Binário ou ainda criatura ou ciborgue ou quimera (como nos jogos onde se escolhem seus avatares), o dizer implica consentir com o semblante, ser dividido pelo significante.

O gozo dos corpos sexuais não se autoriza nem do Outro (ou seja, do saber situado no campo do A normativo) nem da anatomia/fisiologia. Ele diz respeito a essa parte real do inconsciente inacessível para sempre? Ou a gozos que não sabemos nomear, pois, para nomeá-los, seria preciso sair das referências Gozo Fálico e Gozo Outro? Questões colocadas por Colette Soler¹⁸⁰.

Que espaço de escolha resta?

Não é no lugar desse real indizível que podem se alojar as soluções imaginárias do gênero? Elas não vêm bordejar o vazio que constitui o ser do sujeito, na medida em que elas ordenam as possibilidades identificatórias, as nomeações que são tanto carapaças contra o desespero quanto barragens às passagens ao ato suicidas que se tornaram ordinárias na clínica com adolescentes. A disforia de gênero tem como correlato o risco vital, ela se coloca como uma escolha de

179 LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 10: a angústia*, op. cit., p. 242 e 243.

180 SOLER, Colette. *Lacan, o inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2012.

vida ou morte. Eis porque, diante das demandas de adolescentes, os adultos admitem, com aparente facilidade, chamar seu filho ou sua filha por um prenome de outro gênero (e modificar todos os pronomes em consequência) ou acompanhá-los a consultas especializadas.

Os adolescentes, hoje em dia, fazem sua educação sentimental com a ideologia LGBTQIA+, “*under the rainbow*”¹⁸¹, e encontram nessa ideologia as respostas à incerteza que os atravessa. As demandas *trans* explodem e descobrimos uma clínica da demanda que vem impor sua lei. Os adolescentes nos propõem novos significantes, e é com esses significantes que devemos trabalhar, restituindo-lhes seu poder de significante (não idêntico a si mesmo, representando o sujeito para outro significante). Lacan não cessou de lembrar que Homem e Mulher são significantes, “não são mais do que significantes”¹⁸², diz ele no *Seminário 20, Encore* e acrescenta: “É daí, do dizer enquanto encarnação distinta do sexo, que eles recebem sua função. O Outro, na minha linguagem, só pode ser, portanto, o Outro sexo”¹⁸³. Ele distingue a encarnação ligada ao dizer (se dizer Homem, Mulher Trans é um assunto do significante) da encarnação ligada ao sexo, que diz respeito ao real, pois: “Um sujeito, como tal, não tem grande coisa a fazer com o gozo”¹⁸⁴. Dito de outra forma, o sujeito não é o todo, o indivíduo. Ele tem um corpo, um corpo para gozar que deve ser distinguido do sujeito e é justamente sobre o enigma do corpo que cada um é levado a encontrar a alteridade, a não resposta do Outro. Então, o que resta do falo, significante organizador do sentido? Talvez as letras LGBTQIA+ devam ser lidas como a escrita de um “não-todo fálico” generalizado que valeria para todos, arranjando uma espécie de apoio temporário nos tempos duros da subjetivação, como é o caso da adolescência.

TRADUÇÃO Marcus do Rio Teixeira

181 Em inglês no original. (N. do T.)

182 LACAN, Jacques. O *Seminário, Livro 20: mais, ainda*, op. cit., p. 38.

183 Id., *ibid.*, p. 45.

184 Id., *ibid.*, p. 56.

Martine Lerude é Pedopsiquiatra, Psicanalista, Membro da ALI (*Associação Lacaniana Internacional*) desde sua fundação, em 1982. Trabalha no Grupo de Psicanálise da Criança e do Adolescente da ALI. Sua prática concerne, em grande parte, a crianças e adolescentes. É autora de inúmeros artigos há 35 anos, tendo como eixo principal o adolescente e a questão da subjetividade contemporânea. Presidente da ALI de 2007 a 2010, participa regularmente dos Seminários de Verão e de Inverno da Associação. No Seminário de Inverno de 2017, fez uma apresentação sobre “O ‘Eu’ das redes”. Publicou, entre outros artigos: Um mode transfert? In: LEBRUN, Jean-Pierre (Org.). *Désir et responsabilité de l'analyste*. Paris: Érès, 2013; Transmission impossible ou transmission du rapport à l'impossible. *La Celibataire*, 2016; Como se coloca a questão das identificações na era da internet generalizada? In: BAPTISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta (Org.). *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais*. Salvador: Ágalma, 2017.

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos [1925]. In: _____. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. v. 7: Amor, sexualidade, feminilidade. p. 259-276.
- HABIB, Claude. *La question trans*. Paris: Gallimard, 2021 (Collection Le Débat).
- LACAN, Jacques. Posição do inconsciente [1960]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 843-864.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 10: a angústia* [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro: sobre o psicanalista da Escola [1967]. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 248-264.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda* [1972-1973]. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 21: os não-tolos vagueiam* [1973-1974]: aula de 09/04/1974. Salvador: Espaço Moebius, 2016. p.182-183. Publicação não comercial para circulação interna.
- LERUDE, Martine. Girl. *D'autres Scènes*, 14 nov. 2018. Disponível em: <https://www.freud-lacan.com/getpagedocument/27465>. Acesso em: 20 maio 2022.
- LERUDE, Martine. *Le cas de la jeune homosseuelle, vu par Freud, Lacan et quelques autres*. Paris: Editions de l'Association Freudienne Internationale, 2002.
- MELMAN, Charles. *Lacan élève effronté et impitoyable de Freud*. Paris: Érès, 2018.
- SOLER, Colette. *Lacan, o inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2012.
- SOLER, Colette. *O em-corpo do sujeito: Seminário 2001-2002*. Salvador: Ágalma, 2019.